



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MANUEL ARMANDO

**CONFLITO ARMADO EM CABO DELGADO, MOÇAMBIQUE:
COMPREENDENDO A ASSOCIAÇÃO ENTRE O ISLÃ AO TERRORISMO
(2017-2024)**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

MANUEL ARMANDO

**CONFLITO ARMADO EM CABO DELGADO, MOÇAMBIQUE:
COMPREENDENDO A ASSOCIAÇÃO ENTRE O ISLÃ AO TERRORISMO
(2017-2024)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Bacharelado em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB - Campus dos Malês, como parte dos requisitos necessários para aquisição do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Magno Klein Silva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

MANUEL ARMANDO

**CONFLITO ARMADO EM CABO DELGADO, MOÇAMBIQUE:
COMPREENDENDO A ASSOCIAÇÃO ENTRE O ISLÃ AO TERRORISMO
(2017-2024)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Bacharelado em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB - Campus dos Malês, como parte dos requisitos necessários para aquisição do título de Bacharel.

Data de aprovação: 07/05/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Magno Klein Silva (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Daniel de Lucca

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Fanny Longa Romero

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	11
2.1	GERAL	11
2.2	ESPECÍFICOS	11
3	JUSTIFICATIVA	11
4	PROBLEMÁTICA	12
5	QUADRO TEÓRICO	21
5.1	TERRORISMO	21
5.2	TERRORISMO RELIGIOSO	25
5.3	HISTÓRIA DO TERRORISMO	28
5.4	TERRORISMO NA ÁFRICA	31
6	METODOLOGIA	34
7	CRONOGRAMA	36
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa visa analisar a associação que tem sido estabelecida por parte dos estudos acadêmicos entre a religião islâmica e o terrorismo no conflito no norte de Moçambique, na província de Cabo Delgado. Para isso, delimitou-se o recorte temporal da análise entre os anos de 2017 e 2024, pelo primeiro ano ser identificado como data de início dos ataques armados e o ano de 2024 pela questão de o conflito permanecer em curso. Com este trabalho, pretende-se compreender as causas dos ataques iniciados em Mocímboa da Praia, em uma localidade e região até então tida como pacífica e religiosa, onde a religião islâmica é predominante. A seguir vemos o mapa da divisão administrativa de Moçambique e a localização de Cabo Delgado.

Mapa 1 - Mapa da divisão administrativa de Moçambique

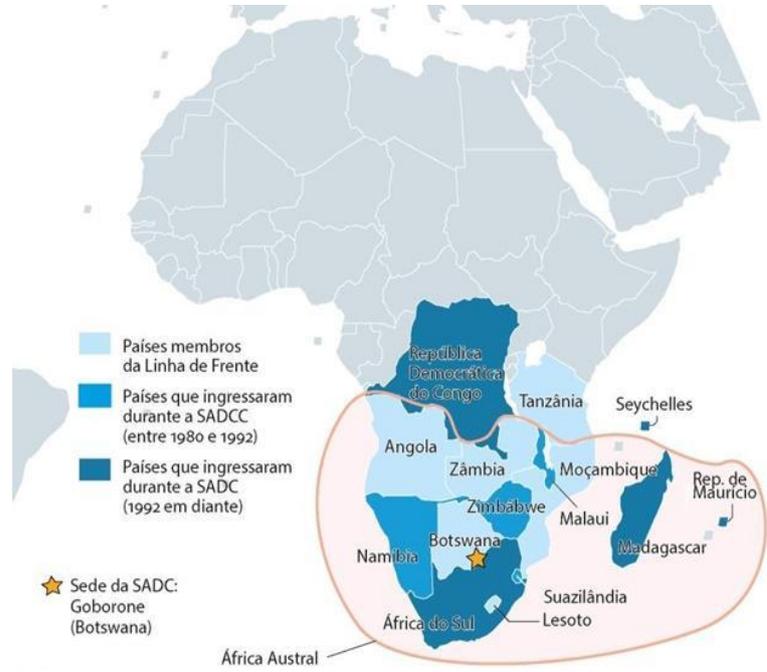


Fonte: Conceição (2015, p. 32).

Moçambique em termos fronteiriços está delimitada pelos seguintes países africanos, dentre eles seis países de matriz anglo-saxônica, dos quais: África do Sul, Eswatini, Zimbábue, Zâmbia, Maláui e Tanzânia, esses países fazem parte a região da Comunidade para o

Desenvolvimento da África Austral (SADC) (Conceição, 2015). O mapa a seguir ilustra a localização de Moçambique na região da África Austral.

Mapa 2 - Mapa da África Austral e localização de Moçambique e países vizinhos.



Fonte: Conceição (2015, p. 33).

Cabo Delgado é a província mais setentrional de Moçambique. Apresenta-se como a província mais rica em recursos minerais, energéticos, florestais, faunísticos, pesqueiros, turísticos e culturais. Como nos informam os autores (Chichango, *et al*, 2022)

a província de Cabo Delgado apresenta importantes jazigos de hidrocarbonetos, grafite, rubi, mármore, o calcário, a argila, metais básicos e água mineral. Regista-se também a ocorrência de pedras preciosas e semipreciosas, e de gás natural, sendo esta última numa reserva estimada em cerca de 200 bilhões de pés cúbicos de gás natural (Chichango *et al.*, 2022, p. 37).

Em relação aos recursos pesqueiros (Chichango *et al*, 2022) descrevem ainda que:

A província de Cabo Delgado apresenta uma extensão de 430km de costa e 32 ilhas, detendo um importante potencial pesqueiro. Acresce o potencial de aquacultura nas suas águas interiores. As principais espécies são o camarão, algas marinhas, peixe, moluscos e crustáceos (Chichango *et al.*, 2022, p. 40).

Além disso,

Das florestas abundantes na província de Cabo Delgado, extrai-se a madeira que tem um valor económico. Nas diferentes formações vegetais da província abunda uma vasta diversidade faunística composta por zebras, elefantes, leões, cabritos do mato e búfalos (Chichango *et al.*, 2022, p. 40).

É a quarta maior província do território nacional. Destaca-se na exploração e extração de pedras preciosas particularmente rubis, bauxita, grafite, mármore; madeiras, peixes etc. Outrossim, seu principal recurso natural vem da madeira.

Em relação aos aspectos culturais, há vários grupos sociais e étnicos na província, dentre eles destacamos os makhuas 66.8%, makondes 21.8% e mwanis 6.1% (Instituto Nacional de Estatística, 2019). Os makhuas falam a língua bantu emakhua e têm uma cultura rica em danças tradicionais e ritos de iniciação masculina e feminina. As mulheres macuas são conhecidas por fazer máscaras de beleza mussiro¹ de origem natural. Os makondes falam a língua bantu shimakonde, possuem a arte makonde de trabalho artesanal. A dança mapiko dos makondes é um destaque. Os mwanis falam a língua mwani da família linguística bantu Níger-congo. Mwani significa povo da costa. A sua cultura faz parte do mundo cultural Swahili, e sua maioria são afro-árabes, ricos na gastronomia etc. Em Cabo Delgado, os macuas e mwanis são na sua maioria muçulmanos, enquanto que os makondes são na sua maioria cristãos católicos, como ilustram os dados de demografia religiosa.

Moçambique é um país predominantemente cristão (5,7 milhões de católicos, 2,5 milhões de protestantes), com uma grande comunidade muçulmana (3,6 milhões, majoritariamente sunitas), majoritária nas províncias nortenhas do Niassa (61%) e Cabo Delgado (54%) e nas zonas costeiras (Moçambique – Fundação Pontifícia, 2023, p. 3).

Em relação à riqueza turística, toda a província é banhada pelo oceano Índico. Na capital, Pemba, está a terceira maior baía do mundo, com destaque para a praia do Wimbe. A província possui a ilha de Ibo, um ponto fascinante para o turismo local, o arquipélago das Quirimbas, parque nacional das Quirimbas com imensas praias de belezas naturais.

Na madrugada de 5 de outubro de 2017 começaram os ataques “terroristas”, em Mocímboa da Praia, um distrito costeiro em Cabo Delgado, que se estende até aos dias atuais. Após os ataques à Mocímboa da Praia, o conflito se alastrou dos distritos costeiros para o interior da província. Devido ao conflito, muitas empresas abandonaram as regiões sob ataque.

¹ Extraída do caule da planta homônima, cientificamente denominado *Olax dissitiflora* e membro da família botânica *Olacaceae*. As mulheres que a usam vêem-na como um “segredo milagroso”, responsável pelo embelezamento e renovação. Disponível em: <https://chocolate.co.ao/moda-beleza/2023/11/03/67771/mussiro-a-mascara-milagrosa-da-beleza-da-mulher-mocambicana/>. Acesso em 1 abr. 2024.

É o caso da empresa multinacional francesa Total, no distrito de Palma, na localidade de Afungi, onde se encontra um campo de gás natural liquefeito (GNL), em 2021.

Esses ataques devastaram o lugar com sangue e têm gerado uma massa de refugiados. Além disso, o número de mortes e deslocados aumenta com o tempo. Na mesma proporção, o conflito foi crescendo para as zonas não costeiras de Cabo Delgado. Pessoas são assassinadas sem importar de qual raça, religião, cultura ou grupo social. Escolas, mesquitas, igrejas, casas, instituições públicas foram destruídas e queimadas etc.

Este trabalho tem como intenção compreender os possíveis vínculos entre os ataques terroristas em Cabo Delgado com a religião islâmica. Essa relação existe porque o grupo que faz os ataques fala da fé islâmica. Segundo Habibe *et al.* (2019, 34), “os seus militantes demonstravam uma fidelidade incomum aos ideais radicais do grupo e quando falavam com os vizinhos, consideravam-se ser os únicos guardiões da forma correcta de rezar e praticar os preceitos do Alcorão”. Ainda sobre a relação do grupo com o islão os autores dizem que

o grupo dos Al-Shabaab nas suas interações com a população local (pelo menos nos primeiros momentos) defendia que a solução de problemas como o desemprego, a corrupção generalizada nas esferas oficiais, a exclusão política e as desigualdades sociais residia na adesão à versão puritana do Islão. O grupo também defendia a adesão ao movimento internacional de jihad. A sua liderança partia da premissa segundo a qual era necessário impor à população de Mocímboa da Praia a sharia (lei islâmica) (Habibe *et al.*, 2019, 33).

Al-Shabaab é um termo árabe que significa juventude. Al-Shabaab era o nome do grupo antes de se filiar ao Estado Islâmico. Atualmente o grupo que realiza os atos de violência é denominado como EIM (Estado Islâmico de Moçambique) (Acled, 2024). Entretanto, para o acadêmico Augusto (2018), o fenômeno de terror não é recente no território onde se deram os primeiros ataques, em Mocímboa da Praia. Diz Augusto que há evidências do fenômeno desde a época de penetração mercantil entre o século XI/XV e XV/XIX até pós-independência no século XX. E o motor dos ataques não teria sido a religião, e sim o capitalismo econômico global, e que a religião naquela região sempre fora usada como instrumento dos poderosos mercantilistas, capitalistas árabes e colonos portugueses. Assim, Augusto (2018) diz que nos dias de hoje, o terror se insere no contexto de prospecção do gás natural liquefeito na Bacia do Rovuma a partir do ano de 2011, e da extração de rubi em Montepuez e grafite de Balama.

Carlos Augusto (2018) em seu estudo sobre o conflito propõe 5 causas do terrorismo em Mocímboa da Praia, que são: causas geoestratégicas, causas étnicos-religiosas, políticas, econômicas e fragilidade institucional do Estado. Nesse contexto,

a) causas geoestratégicas – os ataques se deram num período de prospecção e na construção da indústria petrolífera na Bacia de Rovuma. Com isso, a pressuposição é de que há interesse do grupo em controlar os recursos naturais energéticos que tem naquele território. Outrossim, os recursos estratégicos são motivo de maior vulnerabilidades e ameaças de ataques terroristas;

b) causas étnicos-religiosas – entre mwanis e makondes no litoral há uma diferença em termos de necessidades básicas como água, habitação, alimentação e oportunidades políticas e econômicas no território de Mocímboa da Praia, os mwanis são os que menos têm representação nos espaços políticos e econômicos em relação aos makondes - majoritários nestes territórios. Nesse caso há um sentimento de privação e frustração entre os mwanis. Em relação a fatores religiosos, Augusto fala que há um choque de civilizações entre muçulmanos e cristãos na região, pois “a maioria dos mwanis são muçulmanos, e os maconde são grande parte católicos, assim a chegada dos cristãos, neste caso a chegada massiva dos macondes mudou a configuração demográfica, passando assim a região a ser também de predominância crista” (Augusto, 2018, p. 17). Portanto, seria nas diferenças entre os dois grupos étnicos como makondes (privilegiados) e mwanis (marginalizados) e cristãos e muçulmanos que o grupo encontra um ambiente fértil para praticar ações de terrorismo. Ambiente que se levaria em interesses em nome da fé islâmica, assim como em nome dos mwanis. Movendo as pessoas para as suas fileiras na ideologia religiosa e de base étnica;

c) causas políticas – os mwanis vivem contexto de privação política na medida em que não ocupam posições altas no governo local ou a nível provincial, se observando assim a desigualdade política, ou seja, apenas um grupo controla o poder local (Mocímboa da Praia) e central (província no geral). Assim, os grupos periféricos estariam em busca de descentralização do poder e desconstrução, por meio de terrorismo, para conseguir seus objetivos. Porém, “se o fim ultimo ser o poder político, não se trata de fundamentalismo religioso, mas sim fundamentalismo político. Ademais, este movimento pode ser considerado como sendo de caris de fundamentalismo económico, religioso e político” (Augusto, 2018, p. 19);

d) causas econômicas – Augusto realça que o fenômeno possui raízes econômicas que se disfarçam através dos fundamentalismos religiosos. Neste caso, os ataques do grupo pretendem dominar a distribuição de recursos, recorrendo à violência. Por outro lado, Augusto fala que a pobreza também pode causar terror. Quando a camada juvenil está na pobreza extrema, desempregada e insatisfeita, existem vulnerabilidade e riscos de se plantar terrorismo, pois terroristas se aproveitam das condições e vulnerabilidades dessas pessoas. Descreve o autor:

A principal causa da difusão do terror na actualidade é o sistema capitalista, segregador, elitista e visa apenas à promoção dos mais ricos sobre os mais pobres. Os perpetradores do terrorismo tem normalmente algum capital económico, e para multiplicar este capital usam o terror, porque podem como resultado disso intimidar as pessoas, e o governo para satisfazer os seus interesses (Augusto, 2018, p. 19).

Segundo Augusto, nesse contexto, a religião não seria suficiente razão para explicar a violência que ocorre. As causas geoestratégicas e políticas seriam a força do terror.

e) fragilidade institucional do Estado – a ausência das instituições de Estado é contribuinte para o grupo se implantar, isto porque “a não presença das entidades estatais em espaços públicos, e privados, recursos económicos e financeiros deficitários, a corrupção selvagem, a impunidade dos actos extras leis” (Augusto, 2018, p. 20). Nesse os terroristas encontram um ambiente fértil para perpetrar violência de terror e colher ganhos.

Em relação aos impactos provocados, o relatório do observatório de conflitos Cabo Ligado, que tem parceria com a Zitamar News e ACLED, tem feito atualizações sobre o conflito. No mês de março de 2024, foi publicada a atualização dos acontecimentos de 2017 até o momento. E o número fornecido do conflito de “Cabo Delgado, outubro de 2017-março 2024, número total de ocorrências de violência: 2,192. Número total de fatalidades reportadas de violência: 5,252. Número total de fatalidades reportadas por violência contra civis: 2,366” (Acled, 2024, p. 1). Um trabalho feito por Elias *et al* (2023), descrevem acerca do drama humanitário gerado pelo conflito em especial em relação aos refugiados, por meio de entrevistas, constatou que:

95% das famílias não tem acomodação condigna (palhotas improvisadas), 80% tem falta de água potável, 100% das famílias deslocadas em situação de esgotamento sanitário, 65% não tem acesso e a disponibilidade de alimentos de forma permanente, 60% tem falta de acesso à unidade sanitária, 56,94% tem falta de acesso à educação básica e para apoio em atividades de subsistência (68,61% tem apoio na agricultura, 15% na pesca, 38,9% na pecuária e 30% tem apoio em outras atividades como a costura e pequenos negócios para mulheres, serralharia e carpintaria para os homens) (Elias *et al.*, 2023, p. 74).

Estes autores chegaram à conclusão de que não há estratégias suficientes para lidar com o drama humanitário dos deslocados em relação à nutrição e à segurança alimentar por consequência do conflito armado. E, segundo eles, houve cerca de 1 milhão de deslocados, que se refugiam ou tentam escapar da morte para as outras províncias moçambicanas, buscando abrigo, água e alimentação.

Para terminar, de forma sábia e holística buscar-se-á todos os recursos necessários para o desenvolvimento deste trabalho, para trazer aos acadêmicos, academias, leitores atentos do

assunto, sociedade civil e público em geral. Por sua vez, este projeto está estruturado da seguinte forma: elementos pré-textuais (capa, folha de rosto, resumo e sumário); elementos textuais: (introdução, problematização, objetivos (geral e específicos), justificativa, metodologia, quadro teórico e cronograma). Por último, elementos pós-textuais (referências).

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Relacionar os atos de terrorismo com a fé islâmica em aspectos sociais no conflito na província de Cabo Delgado.

2.2 ESPECÍFICOS

1. Caracterizar o conflito em Cabo Delgado em seus âmbitos locais, regionais e global;
2. Apontar as implicações culturais, sociais e políticas do terrorismo no conflito armado de Cabo Delgado;²
3. Descrever os impactos socioeconômicos do conflito armado em Cabo Delgado.

3 JUSTIFICATIVA

Esta temática é relevante porque traz à tona o debate acerca do terrorismo e a sua associação com a religião islâmica. O terrorismo apresenta-se como um problema global, afetando todos os continentes. Além disso, nas últimas décadas, verifica-se um crescimento na atividade de grupos terroristas no continente africano, particularmente na África Subsaariana.

Em Moçambique a segurança interna está ameaçada por atos terroristas. Por isso, penso que este assunto deve ter maior atenção dentro da academia e da sociedade moçambicana em geral. Este conflito está a lesar os(as) moçambicanos(as) em várias vertentes, isto é, sua pátria está em instabilidade, seus familiares estão sendo mortos, sua terra está sendo destruída pelos

² Antes o objetivo específico era “Apontar a existência de preconceito religioso da parte dos acadêmicos e pesquisadores em relação ao islã”. Portanto, com a recomendação da banca avaliadora de revisar os objetivos expressados, surge o objetivo atual, assim como inserção de “global” no objetivo específico número 1.

armamentos usados naquele espaço, estão a ser retirados das suas casas, refugiados, arrancados de seus empregos e modo de vida. Não apenas, os esclarecimentos da parte do governo moçambicano ainda são insuficientes acerca desse embate. Ademais, o debate público em Moçambique ainda carece de análises mais detidas ou mais respeitosas com a experiência religiosa islâmica.

Uma vez que a instabilidade política traz retrocessos para a região de Cabo Delgado e Moçambique como um todo, e atividades econômicas como o turismo enfraquecem durante a guerra, minando o desenvolvimento econômico. Mais importante, há violações de direitos humanos, ambientais etc. Sem sombra de dúvidas, é imperioso se fazer uma análise científica desse conflito. Assim, falar deste tema é muito importante para a sociedade moçambicana, porque muitas pessoas estão deslocadas, e a atividade econômica da extração de gás pode trazer recursos para melhorar o desenvolvimento do país e das regiões mais pobres de Moçambique.

Para concluir, penso que os propósitos colocados são de grande relevo para elaboração deste trabalho. E, pelo fato de o fenômeno terrorismo ter controvérsias, falácias, interesses e objetivos de organizações estatais e não estatais, e o mesmo ser um dos maiores campos de estudo e análise globalmente entre acadêmicos, estudiosos, pesquisadores, Estados-nação, organizações internacionais, setores de defesa e segurança, e no cenário das relações internacionais e política internacional. Em resumo, o terrorismo enquadra-se como um dos maiores assunto de debate nas Organizações Internacionais, no mundo pós atentados de 11 de setembro de 2001, e se firma um problema global que afeta as fronteiras nacionais e continentais.

4 PROBLEMÁTICA

Moçambique tornou-se independente da colonização portuguesa em 1975. Desde então, tem vivenciado distintas formas de violência até aos dias de hoje, como regime autoritário de partido único, ataques armados, guerra civil, conflitos político-militares, juntas militares, e mais recentemente a insurgência armada na província de Cabo Delgado. Assim, com a breve descrição, se lança a problemática desta pesquisa, que é:

- O conflito em Cabo Delgado é um exemplo de terrorismo de fundamentalismo religioso?

O conflito em Cabo Delgado teve início em 2017 com ações violentas de pequena escala, em Mocímboa da Praia, distrito costeiro da província, no entanto, no segundo semestre de 2019 teve um recrudescimento com a criação da Província do Estado Islâmico para a África Central, numa região que inclui trechos na RDC (República Democrática do Congo), Uganda e Moçambique, segundo Cardoso (2022). O grupo dos insurgentes carrega o nome de “Ahlu Sunnah Wa-Jama (ASWJ), localmente conhecido por machababo (plural de Al-Shabaab) ou de Al-Shabaab (que significa juventude em árabe) (Cardoso, 2022). Para Cardoso, o conflito em Cabo Delgado não é característico de uma guerra civil – porque não contrasta ou opõe religiões, grupos sociais ou regionais nem possui prática indiscriminada de violência do grupo.

No item sobre o quadro teórico mais à frente, veremos o conceito de terrorismo da OUA (1999). No que toca ao conflito em Cabo Delgado, Yussuf Adam (2020) diz que os grupos jihadistas são fruto de agenda política e administrativa que não os deu atenção, que os excluiu, discriminou, marginalizou e tornou as suas condições socioeconômicas severas. Tal marginalização que parte do Estado é agravada por questões como alto nepotismo e corrupção, a democracia que não é vigente, a não liberdade de expressão etc.

Yussuf ainda afirma que os insurgentes em Cabo Delgado não dispõem nas suas fileiras de militância de apenas um grupo étnico ou religioso, ou seja, Yusuf está a dizer que no grupo dos insurgentes não se encontram apenas os mwanis que são muçulmanos e marginalizados, há dentro do grupo makondes (privilegiados) que são cristãos católicos e makhuas. Ademais, o acadêmico fala que as redes destes radicalizados são transnacionais, alcançando a África Austral, Oriental e além continente. Além disso, alguns analistas e por vezes veículos de mídia rotulam esses insurgentes de loucos e como aqueles que falsificam o Islão. No entanto, alerta Yussuf que estes, “tem programas e projectos para montar os seus esquemas de exploração econômica e política” (Yussuf, 2020, p. 2).

Para o professor João Mosca (2019), há consenso de que neste conflito existem fatores históricos e regionais; ocorrem ações de banditismo; trata-se de uma realidade complicada e que requer pesquisas interdisciplinares; em relação ao discurso oficial, aponta interesses e agentes internos e externos; a comunidade islâmica de Moçambique (CIMO)³ do país nega ter envolvimento com o grupo de insurgência, assim como repudiam publicamente as ações por meio da televisão. O autor afirma que, no início da insurgência, o alvo principal eram as instituições e infraestruturas públicas, entretanto, depois mudou para a ação violenta contra

³ É uma organização sócio religiosa sem fins lucrativos que atua em todo território do país. Disponível em: <https://www.cimo.org.mz/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

civis, casas etc. O começo do conflito em 2017, para Mosca se mostrava com métodos de característica de radicalismo islâmico.

Segundo Mosca, a situação em 2019 veio a recrudescer violentamente, assim como constata-se o alargamento do território em que ocorre o conflito. Ainda pontua que há uma certa dificuldade das Forças de Defesa e Segurança em lidar com o cenário. Outrossim, lembra que as falhas ou déficit do Estado moçambicano e da operação militar, numa situação de conflito armado, restringem a liberdade das pessoas no território, havendo violações de direitos humanos, perseguição e apreensão de jornalistas, assassinatos etc. Há também, diz Mosca, o impedimento de pesquisadores fazerem trabalho de campo etc.

Sendo assim, “Não existe comunicação do Estado sobre a realidade, processos jurídicos foram concluídos sem qualquer comunicação à sociedade, provavelmente justificado pelo segredo de Estado, mas que os cidadãos, de múltiplas formas, acabam por saber” (Mosca, 2019, p. 2). Em relação à academia moçambicana pública ou privada, Mosca fala que pouco tem se falado e investigado sobre a questão, assim como há falta de se fomentar debate dentro das mesmas, que se mantêm num “silêncio não acadêmico”. Nisto os acadêmicos acabam sendo subservientes de político-partidária. Em outras palavras, quando pouco falam da situação vem com posições político-partidárias em que se inserem ou são simpatizantes, além de fazerem observação crítica sem posição político-partidária. O professor realça que o fenômeno em Cabo Delgado “[...] é mais uma prova da (in)capacidade do Estado (e da Frelimo) de construir a unidade e, finalmente, a Nação moçambicana” (Mosca, 2019, p. 3).

As vítimas deste conflito são a própria população da região, que em sua maioria é muçulmana. Segundo Cardoso este conflito não pode ser denominado como “jihadismo global ou islamismo radical”, pois, chamar os Al-Shabaab como jihadistas seria desrespeitoso e ofensivo para com os crentes da fé islâmica, segundo ele “afinal, não só a maioria das vítimas é muçulmana, como este tipo de seitas é considerado apóstata por todos os governos muçulmanos e pela esmagadora maioria das autoridades religiosas dos países onde existem comunidades muçulmanas organizadas” (Cardoso, 2022, p.1). Além disso, Cardoso (2022), aponta outros fatores que ajudariam a compreender o conflito, como tráfico de drogas, o gás natural liquefeito (GNL), e o relevo que tem o Canal de Moçambique. Isso porque a descoberta de gás e implementação de uma indústria petrolífera mudaria a situação econômica do país, porém, pelo histórico do governo central e local ser tão corrupto não dá esperanças de transformação aos marginalizados pelo Estado. O canal de Moçambique, ou seja, a costa moçambicana de Cabo Delgado, é porta de entrada de imigrantes e forte tráfico de drogas como heroína, cocaína, metanfetaminas, algo que movimenta um capital econômico ilegal.

Não só, Cardoso ressalta que este conflito não se desencadeou por causa da descoberta e exploração de gás, este fator apenas deu destaque. Portanto, Cabo Delgado, sendo uma das zonas de entrada no Canal de Moçambique, ganhou maior destaque geoeconômico e geopolítico (Cardoso, 2022). Em síntese, para Cardoso (2022), o conflito de Cabo Delgado é do tipo terrorista contra o Estado.

Alguns autores chamam o grupo de insurgentes de seita como é o caso de Chichava (2023), Habib *et al* (2019), Morier-Genoud (2021), que divergem da acadêmica Bonate (2022), para quem o grupo não seria uma seita. Morier-Genoud (2021) diz que o grupo é uma nova seita porque não efetuam as cinco orações obrigatórias por dia, o grupo ora três vezes, ademais, se porta de sapatos nas mesquitas e veste calças curtas, para ele estão se desviando dos preceitos tradicionais da fé islâmica. Entretanto, Bonate (2022) contradiz que estes segmentos ou comportamento é admissível no Alcorão, hadith (ditos) e Sunna (tradições do profeta Muhammad)⁴.

Para o historiador Morier-Genoud (2021), a insurgência inicial transformou-se em guerra de guerrilha. Segundo Morier-Genoud, os insurgentes podem ser definidos como islamistas, pois lutam contra a existência de um Estado laico em prol da lei islâmica. Ademais, este grupo seria uma seita, se não até 2017 antes dos ataques, visando aplicar as normas da sharia para si e transformar a sociedade, e por ter atacado o Estado. Morier-Genoud diz que “as seitas são grupos religiosos recém-formados que protestam contra elementos da sua religião e sociedade de origem. Operam em alta tensão com estes, denunciando-os como ‘corruptos’, ao mesmo tempo que afirmam representar um regresso à ‘verdadeira religião’” (Morier-Genoud, 2021, p. 12).

O termo seita tem conotação pejorativa e ao mesmo tempo o seu conceito apresenta duplo sentido (Rodrigues, 2008). Primeiro no sentido de *secare* – cortar, Rodrigues (2008) indica que seita seria um grupo menor que se desvinculou de uma comunidade maior, e intenciona renovar a fé considerada cânone, ou seja, fé de origem inicial. Não objetiva criar uma nova religião, mas sim purificar a fé original. Segundo no sentido de *seguir* - seguir, Rodrigues (2008) aponta que nesse caso a seita é um grupo organizado de indivíduos que estão seguindo uma mesma doutrina religiosa e filosófica. Nesse contexto, há um líder em que o poder gira em torno dele, que teria recebido um chamado divino ou sobrenatural, e os que o seguem deixam de lado a família, escola, trabalho para se juntar ao grupo, se denota obediência cega, comportamentos rígidos, alienação, extrema violência e tende a ser intolerante. A seita

⁴ Sobre a admissão dessas práticas veja Imam Muslim ibn al-Hajjaj al-Naysaburi (rahimahullah). MUSLIM, Sahih - The book of prayer – travellers. Disponível em: <https://sunnah.com/muslim/6>. Acesso em: 19 abr. 2024.

do grupo Al-Shabaab teria surgido em 2007, no distrito de Balama, e houve um grupo idêntico entre 1989 a 1990, no distrito de Nangade. O professor Morier-Genoud diz que com isso a seita (o grupo de insurgentes que atuam no conflito de Cabo Delgado) seria de longa data ou pode haver uma conexão com estes grupos surgidos nos anos 1989 e 1990, e que é preciso se olhar esta seita como pertencente à história e dinâmica locais.

Entretanto, neste trabalho não vamos classificar o grupo como seita ou não, é algo que precisamos ir mais afundo. Outrossim, o líder dos terroristas era o moçambicano Bonomar Machude, conhecido por Ibn Omar ou Abu Suraka, morto em agosto de 2023 (DW, 2023). No que diz respeito às primeiras instalações do Al-Shabaab, Chichava (2023), aponta que um dos primeiros pontos se deu no distrito de Macomia, na aldeia Rueia, no Posto administrativo de Mucojo, no ano de 2010, muito tempo antes do ataque inicial em Mocímboa da Praia, em 5 de outubro de 2017, tais ataques eram em instituições do Estado, por jovens que assaltaram diversas prisões, em ataques armados munidos de armas de fogo (Habibe *et al.*, 2019; Bonate, 2023). Nesse distrito, de 2013 a 2015, as lideranças muçulmanas radicais proibiram frequentar escolas laicas, encorajando somente o ensino nas madraças (escolas corânicas), vender bebidas alcoólicas e seu consumo nos sítios de comércio local, as mulheres eram obrigadas a usarem hijab (véu islâmico) cobrindo toda a cara.

Nas mesquitas locais, havia fortes divergências entre reformadores (que efetuaram estudos islâmicos superiores no exterior) e conservadores (considerados como os que possuem déficit de conhecimento religioso). Os jovens que criaram tumulto nessas mesquitas abandonaram porque não concordavam com as práticas religiosas em curso e as injustiças (falta de necessidades básicas como água, habitação, alimentação e oportunidades políticas e econômicas) perpetradas pelo governo para com os muçulmanos. Nessa época de 2013-2015, o grupo começou pregar acerca da guerra “santa” e ao mesmo tempo da desobediência ao governo moçambicano, e também apelavam que os sheiks não podiam estar filiados a partidos políticos sob liderança de “porcos” (pecadores e imundos) e deveriam se distanciar da política, pois deviam se preocupar com as funções de sheiks no islão. E por se entenderem marginalizados e com sentimentos amargos frente ao governo, estes jovens foram se esgueirando no desencadeamento de violência (Chichava, 2023).

Segundo Chichava (2023), os jovens criadores da Al-Shabaab eram frequentadores da mesquita da AMA (Africa Muslim Agency)⁵, de onde começaram a espalhar suas ideologias

⁵ Agência dos Muçulmanos em África, foi fundada por Dr. Summait no Kuwait em 1982, a sua visão era para todo o continente africano. opera em 29 países de África e um dos elementos-chave da Agência Africana Muçulmana

radicais. Estes jovens, escreve Chichava, que se questionavam se os muçulmanos seriam cativos dos cristãos, ressaltam que o governo moçambicano apenas daria atenção ao Sul do país, negligenciando a população nortenha e ainda mais os muçulmanos. Pares estes, suas condições de vida mudariam com o estabelecimento de um governo islâmico. Estes jovens são majoritariamente de classe baixa e de lugares periféricos em que se nota forte ausência do Estado. Daí que os insurgentes se aproveitam da condição destes jovens para alistá-los para suas fileiras, prometendo dinheiro, emprego etc., e por serem influenciados por discursos radicais de sheiks tanzanianos e por discursos contra o Estado do sheik radical queniano Abdou Rogo⁶ (Chichava, 2023).

O grupo que atua em Cabo Delgado desde 2017 tem influências locais e externas. Das influências internacionais, os mais apontados são líderes tanzanianos e ugandenses. O Estado Islâmico (EI) reconhece o grupo Al-Shabaab desde 2019, que está inserido no Estado Islâmico da Província da África Central, que apesar do espaço geográfico não evidente, incluiria Uganda, República Democrática do Congo e Moçambique. O grupo declara fidelidade ao EI, segundo Chichava (2020).

Chichava (2020) destaca que os tanzanianos têm uma ligação com o grupo Al-Shabaab desde os primeiros ataques em Mocímboa da Praia. Além disso, muitos moçambicanos do norte do país fazem estudos de doutrinas religiosas fundamentalistas para sua colocação na dianteira do grupo. A Tanzânia serve também de travessia de jovens de Moçambique a outros países como RDC, onde recebem instrução de treinamento militar para se filiarem ao grupo. Ademais, há muitos integrantes tanzanianos dentro da Al-Shabaab. Em fevereiro de 2017, as autoridades operacionalizaram um desmantelamento da mineração ilegal no distrito de Montepuez e na região de Namanhumbire, uma região que detém 40% da reserva mundial da pedra preciosa de rubi. Tais tanzanianos fazem parte da liderança religiosa e alguns são antigos garimpeiros ilegais expulsos pelas autoridades do país para se implementar a empresa Mozambique Ruby Mining (empresa que faz a exploração do rubi) em Montepuez. Expulsão esta que foi excessivamente violenta por parte das autoridades moçambicanas, onde se passaram casos de abusos sexuais, assassinatos e roubo de bens desses garimpeiros. Ou seja, houve abuso dos direitos humanos perpetrada pelas autoridades moçambicanas (Chichava, 2020; DW, 2017).

desde janeiro de 1987 tem sido institucionalizar o trabalho de socorro. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Africa_Muslims_Agency. Acesso em: 7 abr. 2024.

⁶ Nasceu em 1968 e morreu em 2012, descrito como extremista islâmico que tinha uma grande habilidade oratória que era compara a Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah, e uma forte lógica de Yusuf al Qaradawi um ideólogo egípcio. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Aboud_Rogo. Acesso em: 19 abr. 2024.

Chichava (2020) fala que os ugandeses presentes no território em conflito e que atuam como membros dos grupos insurgentes seriam simpatizantes ou colaboradores das Forças Democráticas Aliadas (ADF)⁷ de Uganda, que se foram a Moçambique depois de ser desmantelada na mesquita USAFI⁸. Em 2018, estes chegaram ao país fugindo da RDC após ofensiva conjunta de militares da RDC e de Uganda. Estes cidadãos tanzanianos e ugandeses se aproveitaram de que Cabo Delgado tem maioria dos habitantes muçulmanos, fazendo recrutamento e treinos aos jovens de Cabo Delgado com intuito de gerar instabilidade naquele ponto do país para continuarem com o garimpo ilegal. Esses grupos buscam se envolver no negócio ilícito de tráfico de drogas de marfim, madeira, rubi. Se aproveitam que a província tem uma fronteira porosa e da ausência do Estado no controle marítimo, num lugar em que há uma demanda internacional asiática de mercado ilícito (Maquenzi; Feijó, 2019).

A escolha destes cidadãos tanzanianos e ugandeses de se instalar na província se deve ao fato de ela dispor de diversos recursos minerais. Assim como na zona Leste de RDC, Cabo Delgado é uma província com fronteiras porosas, pouca presença do Estado e há grande tendência de imigração ilegal ou clandestina, ao mesmo tempo usada como ponto de entrada de indivíduos ilegais, que se destinam à África do Sul, e para extração ilegal dos recursos mineiras na província (Chichava, 2020; Siteo, 2019).

Segundo Emídio Beula (2020) do CDD (Centro para a Democracia e Desenvolvimento de Moçambique), o conflito tem provocado muitos deslocados por causa da violência armada, que têm provocado pânico e perda de suas habitações, bens e familiares, violência sexual etc. Em relação aos deslocados pelo conflito, um dos maiores problemas é que estes lidam com a ausência de assistência humanitária, necessitando de abrigo, comida e vestes. Beula (2020) aborda que a instauração do grupo terrorista al-Shabaab e do Estado Islâmico com a intenção de implementar a sharia (lei islâmica), somado a interesses corporativos da indústria petrolífera, assim como o lobby de Erik Prince (um veterano operativo da elite militar dos EUA, que está em frente de uma proposta de empresa privada para pacificar a província de Cabo Delgado), são um dos principais motivos para a aparição de insurgentes armados na província mais rica do país (DW, 2021). Entretanto, outras questões que se devem colocar são o tráfico de drogas e a exploração ilegal dos recursos feitas pelos grupos insurgentes. E que, na história do país, houve uma das maiores apreensões de droga em 1997 (Beula, 2020).

⁷ São um grupo armado islamista que opera no [Uganda](#) e na [República Democrática do Congo](#) (RDC), sendo considerada uma [organização terrorista](#) pelo governo ugandense. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_Democr%C3%A1ticas_Aliadas. Acesso em: 7 abr. 2024.

⁸ Mesquita em Kampala, Uganda. Que tem ligação com o grupo terrorista ADF.

Para Beula, neste conflito, além do fundamentalismo religioso e da competição das empresas multinacionais petrolíferas, sem dúvidas os que mais se beneficiam com o conflito são os cartéis de drogas. Num lugar em que quase não há a presença marítima para a fiscalização, por isso se notam insurgentes e/ou bandos armados que roubam e queimam ao longo do extenso litoral de Cabo Delgado. Por estes motivos, “A fronteira com a Tanzânia é a porta de entrada de imigrantes ilegais vindos da Somália, Quênia, Etiópia, República Democrática do Congo e Nigéria, atraídos pela extracção ilegal de madeira e pedras preciosas, sobretudo o ouro e rubi” (Beula, 2020, p. 2). Beula constata que este tipo de negócio existe porque conta com a rede de proteção do Estado, que permite o livre trânsito e que não consegue consolidar instituições de segurança e defesa.

Os indícios são de que este conflito seria majoritariamente uma resistência ao Estado moçambicano, denominado pelos insurgentes como abusador do poder e corrupção. Segundo Bonate (2023) o conflito em Cabo Delgado seria um “conflito de insurgência irregular no sentido clássico de atividade político-militar prolongada, voltada para o controle total ou parcial dos recursos de um país ou região, por meio do uso de forças militares irregulares e organizações políticas ilegais” (Bonate, 2023, p. 520). Nas palavras de Bonate (2022), os estudos feitos até o momento não revelam dados empíricos esclarecedores e não trazem significância clara e concreta da ideologia, relatos ou narrativas do grupo armado. Os jovens insurgentes estavam ativos desde 2010 ou 2012 (Bonate, 2022).

Para Bonate (2022), o jihadismo transnacional globalizou-se no começo do século atual, porém, não é tão evidente se o grupo que atua em Cabo Delgado já manteve contato com outros movimentos jihadistas regionais ou globais após os ataques em Mocímboa da Praia, ou antes na pretensão de iniciar um movimento armado. Enquanto isso para Galito (2022), o terrorismo em Cabo Delgado, indica ser de “carácter ideológico e civilizacional” (p. 28). A autora aponta que certos conflitos se iniciaram como manifestações de revolta por moçambicanos que tinham se radicalizado nas escolas corânicas e mesquitas da Arábia Saudita em 2007, para ações de extrema violência iniciando em 2017, e no segundo semestre de 2019, escalou para uma guerra contra o Estado e os cidadãos.

Habibe *et al.* (2019) dizem que o grupo insurgente em Cabo Delgado se atrela ao fundamentalismo religioso a qual busca combater a influência do Ocidente e impor radicalismo à lei islâmica. Os líderes dos insurgentes são atores nacionais e internacionais. Ainda afirmam que a pobreza, o desemprego e o baixo grau de escolaridade são fatores que levam jovens a aderirem às fileiras de insurgentes, pois com problemas como a falta de emprego, a não oferta de educação escolar adequada, falta de serviços públicos, estes jovens se viram representados

pelo grupo insurgente em busca de caminhos que respondessem à miséria que enfrentam e a busca de uma comunidade.

Enfim, sobre o fenômeno do terrorismo em Cabo Delgado, há autores que indicam como algumas de suas possíveis causas a privatização dos bens e riquezas, a marginalização, a pobreza, o desemprego e a falta de oportunidades, muito mais grave para a camada juvenil. Outros autores divergem com essas narrativas ou estudos, acentuando variáveis como a religião islâmica, que provavelmente é a variável principal do conflito, indicando influência dos países da África Central e Oriental, em especial com aqueles com que Moçambique divide fronteira, como no caso da Tanzânia. Muitos muçulmanos nortenhos, concretamente os da província de Cabo Delgado, estudaram em escolas e universidades islâmicas na Tanzânia, Egito, Sudão e Arábia Saudita etc.

Cardoso (2022), nos dá detalhes das empresas que atuam na bacia do Rovuma (área geográfica ao longo do rio Rovuma na fronteira entre Moçambique e Tanzânia, no norte do país,) (DW, 2024), e é lugar estrategicamente importante, pois é onde se encontram projetos de exploração de gás natural. As empresas que atuam nessa área são 12 das quais 5 privadas (Total Energies, França ONGC: Oil and Natural Gas Corporation, Moçambique Exxon Mobil, Eni: 70% privada + 30% golden share do governo, Mitsui & Company) e 7 públicas (BREM: Beas Rovuma Energy Company -BPCL+ONGC, BPCL: Bharat Petroleum Corporation Limited, PTTEP: PTT Exploration and Production, ENH: Empresa Nacional de Hidrocarbonetos, CNPC: China National Petroleum Corporation, KOGAS: Korea Gas Corporation, Galp Energia: 92,5% Privada, 7,5% Pública), assim como 10 países se fazem presente China, França, Índia, EUA, Tailândia, Coreia do Sul, Itália, Moçambique Total, Portugal e Japão (Cardoso, 2022).

Como se pode constatar, os conflitos de terrorismo para cada pesquisador se desencadeiam de diferentes formas. Entretanto, há certas características comuns que são visíveis em quase todos os conflitos, segundo como Hansen (2013), Horgan e Braddock (2010), Pham (2012), Nkwi (2015), Brinco (2020), Siteo (2014) que como: recrutamento e mobilização, ideologias extremistas, exploração de áreas remotas e mal governadas, recrutamento de jovens e marginalizados, conflitos étnicos e religiosos, motivações políticas e ideológicas etc.

Portanto, este trabalho objetiva estudar o terrorismo em Cabo Delgado, observando causas internas e externas, para poder compreender a relação entre as práticas de terrorismo e a religião islâmica. Olhar a dinâmica e o histórico dos trabalhos que têm se produzido para apontar a existência de preconceito religioso da parte dos acadêmicos e pesquisadores em relação ao islã; classificando o conflito, os grupos em ação, para assim caracterizar o conflito

em Cabo Delgado; olhar fatores socioeconômicos, de modo a descrever os impactos socioeconômicos do conflito de Cabo Delgado. Para se alcançar tais estudos precisará de se fazer entrevista, essa técnica será útil para obtenção de dados, entender e compreender como a população local faz atribuição das situações do conflito etc., como explicaremos na seção Metodologia e Fontes.

No futuro do trabalho procuraremos responder questões, como qual o perfil da liderança do grupo, os meios de comunicação que usam, se exigem conversão forçada e negociação. Tentaremos responder, por exemplo, como os grupos islâmicos violentos lidam com outros grupos religiosos, atacam templos de outras religiões? Tipos de violência que eles fazem, atacam instituições do Estado, dominam fazendas, aldeias, comunidades, fecham templos religiosos de outras instituições, atacam empresas? Interação com outros grupos religiosos, o que querem politicamente, querem anexação? Como conseguem dinheiro, pelo tráfico de drogas, furtos das empresas de gás e petróleo? Tem algum deputado que defende se o que eles fazem é certo ou não? Qual é a identidade desse grupo, como são classificados dentro do islão? São influenciados por um pensador muçulmano ou lido por outra ótica? O que eles querem, querem ser outro Estado? Enfim, esses são pontos que a gente quer estudar futuramente e compreender melhor.

5 QUADRO TEÓRICO

As principais bases teóricas que vão sustentar este trabalho de pesquisa estão atreladas aos estudos acadêmicos sobre o terrorismo e o terrorismo religioso.

5.1 TERRORISMO

No que toca à definição do terrorismo:

inelutavelmente político em termos de objetivos e motivos; violento – ou, igualmente importante, ameaça de violência; concebido para ter repercussões psicológicas de grande alcance para além das vítimas ou alvos imediatos; conduzido por uma organização com uma cadeia de comando identificável ou estrutura celular conspiratória (cujos membros não usam uniforme ou insígnia de identificação) ou um pequeno grupo de indivíduos diretamente influenciados, motivados ou inspirados pelos objetivos ideológicos ou pelo exemplo de um movimento terrorista existente

e/ou os seus líderes; e perpetrados por um grupo subnacional ou por uma entidade não estatal (Hoffman, 2006, p. 40, tradução nossa)⁹.

A definição de Hoffman para nós remete ao reducionismo daqueles que podem estar a lutar em prol de sua liberdade ou fazendo uma revolução em sua comunidade, região ou território nacional. Ainda esta definição classifica a ameaça de violência como terrorismo, e no mesmo exclui o Estado como perpetrador do fenômeno. Em outros autores, se relaciona muitos grupos armados, movimentos de rebeldia ou de esquerda como terroristas (González, 2023). No que concerne à estrutura jurídica moçambicana, em termos legais, no artigo 11 da lei 13/22, estabelece que o terrorismo e atividades terroristas é e são quando há:

o intuito de criar insegurança social, terror ou pânico na população ou de pressionar o Estado, Governo ou alguma organização nacional ou internacional de carácter económico, social ou político a realizar ou abster-se de realizar certa ou certas atividades (Moçambique, 2022).

Olhando a atuação do próprio governo moçambicano em relação a seu povo e a negligência que tem para a zona norte do país, têm diversas vezes submetido os/as moçambicanos/as à insegurança social. Sua definição retira a noção de que um Estado, governo, organização nacional ou internacional provoca um ambiente de terror etc. Assim, entendemos que o terrorismo apresenta vários sentidos e significados para diferentes entidades, desde acadêmicos, estudiosos, pesquisadores, Estados-nação, organizações não estatais, setores de defesa e segurança, e no cenário das relações internacionais e política internacional.

Desse modo, para alguns autores trata-se “de violações cometidas contra os direitos humanos, violência contra pessoas inocentes e estados, utilizando métodos que a todos pretendem aterrorizar ou destruir, pelo que o terrorismo continuará a ser ilegítimo em todos os sentidos” (Ramos, 2012, p. 58). Este conceito sublinha que é uma violação atrelada a direitos humanos, inocentes e Estados. Porém, há literaturas que não consideram como terrorismo violações contra direitos humanos.

No entanto, pelo o fato de terrorismo ser definido por quem possui suas próprias motivações e interesses, faz com que haja desorganização e falta de consenso na arena das relações internacionais e política internacional (Penha, 2023). Isso é evidente nas definições de

⁹ No original: “ineluctably political in aims and motives; • violent—or, equally important, threatens violence; • designed to have far-reaching psychological repercussions beyond the immediate victim or target; • conducted either by an organization with an identifiable chain of command or conspiratorial cell structure (whose members wear no uniform or identifying insignia) or by individuals or a small collection of individuals directly influenced, motivated, or inspired by the ideological aims or example of some existent terrorist movement and/or its leaders; and • perpetrated by a subnational group or nonstate entity”.

terrorismo do FBI (Departamento Federal de Investigação dos EUA), em que terrorismo internacional são “Atos violentos e criminosos cometidos por indivíduos e/ou grupos inspirados ou associados a organizações ou nações terroristas estrangeiras designadas (patrocinadas pelo Estado)”, enquanto que o terrorismo doméstico seriam “Atos violentos e criminosos cometidos por indivíduos e/ou grupos para promover objetivos ideológicos decorrentes de influências domésticas, tais como as de natureza política, religiosa, social, racial ou ambiental”.

Nas duas definições notam-se atos violentos e criminosos a qual indivíduos cometem sob patrocínio de organizações e nações. Na mesma vertente há que se realçar que há uma diferença entre organização criminosa e organização terrorista, assim como suas motivações e objetivos diferem segundo Agência Brasileira de Inteligência (2007). Portanto, os EUA são conhecidos por rotular países e organizações que não se alinham com suas perspectivas políticas, econômicas e ideológicas de terroristas, contando que eles são um dos maiores financiadores e produtores de conflitos no mundo (González, 2023).

Para Galito (2013), “o terrorismo geralmente envolve violência física ou psicológica contra alvos não combatentes, selecionados ou aleatórios, É uma forma instrumental de impor o medo sobre um povo, um governo ou um Estado” (Galito, 2013, p. 3). Há muitos acadêmicos/as em que nas suas definições realçam a questão da violência psicológica, entretanto, a ideia de tecer que seria “uma forma instrumental de impor o medo sobre um povo, um governo ou um Estado”, recai nas outras colocações reducionistas ao definir o fenômeno, que é de incluir certas entidades como cometedores de terror ou pânico e excluir outras entidades nacionais e internacionais, e organizações na aplicação desse instrumento, o que não alinhamos com essa observação. E, também falha por limitar a noção de que o terrorismo seria ação somente praticado por grupos ou por indivíduos, enquanto que a história aponta casos de ações terroristas que sido patrocinadas pelos Estados, o que é chamado de terrorismo de Estado (Sitoe, 2014).

Outrossim, a definição de terrorismo revisada do Consenso Acadêmico de 2011 ressalta:

O terrorismo refere-se, por um lado, a uma doutrina sobre a suposta eficácia de uma forma ou tática especial de violência política coercitiva e geradora de medo e, por outro lado, a uma prática conspiratória de ação violenta calculada, demonstrativa e direta, sem restrições legais ou morais, visando principalmente civis e não combatentes, realizada pelos seus efeitos propagandísticos e psicológicos em diversos públicos e partes em conflito (Schmid, 2023, p. 26, tradução nossa)¹⁰.

¹⁰ “Terrorism refers, on the one hand, to a doctrine about the presumed effectiveness of a special form or tactic of fear-generating, coercive political violence and, on the other hand, to a conspiratorial practice of calculated, demonstrative, direct violent action without legal or moral restraints, targeting mainly civilians and non-combatants, performed for its propagandistic and psychological effects on various audiences and conflict parties”.

Esta definição erra quando insiste na ideia de que o fenômeno é uma violência política coercitiva, sem olhar os países do Norte Global, que muitas vezes usam dessas táticas para coagir e interferir na política e governança de outros Estados, muitas vezes impõe medo aos governantes e a população, e olhar somente civis e não combatentes. É fazer parecer que os políticos ou estadistas não são praticantes de terror. Ademais, Fernando de Sousa acaba se aproxima da definição de Terrorismo Revisada do Consenso Acadêmico de 2011, quando diz que “O terrorismo é, pois, o uso da violência com o propósito de exercer uma extorsão, coação e publicidade para uma causa política” (de Sousa, 2005, p. 191).

No entanto, a complexidade e quão é amplo o terrorismo, nos faz observar ausência de rigorosidade de análise, o que leva a contrariedade e dissenso no seio de internacionalistas, analistas, políticos, teóricos e cientistas sociais, historiadores etc. (Siteo, 2019). Por outra, quanto mais teorias e definições surgem, fica cada vez mais controverso e o debate em relação ao assunto aumenta (Galito, 2013). Também “há muitas manifestações, formas e tipos de violência política, das quais o terrorismo é uma subcategoria” (González, 2023, p. 38).

O artigo 1º da Convenção da extinta Organização da Unidade Africana (OUA, 1999), atualmente denominada União Africana, refere-se ao terrorismo sendo:

Todo o ato que pode pôr em perigo a vida, a integridade física e a liberdade ou causar graves danos ou morte a uma pessoa ou grupo de pessoas, destruir a propriedade pública ou privada, os recursos naturais, o patrimônio cultural e ambiental, cometido deliberadamente ou com a intenção: de (i) intimidar, provocar uma situação de terror, forçar, exercer pressão ou levar qualquer governo, organismo, instituição e seus membros a realizar qualquer iniciativa ou a abster-se dela, bem como adoptar, renunciar a uma determinada posição ou agir de acordo com certos princípios; (ii) perturbar o funcionamento normal dos serviços públicos essenciais ou criar uma situação pública de emergência; ou (iii) criar uma situação de insurreição geral num Estado (Organização da Unidade Africana, 1999, p. 2-3).

Ainda na mesma Convenção no artigo 3º destaca que “não obstante o estipulado no artigo 1º, as lutas de libertação e autodeterminação levadas a cabo pelos povos, nomeadamente, a luta armada contra o colonialismo, a ocupação, agressão e dominação por forças estrangeiras, em conformidade com os princípios do direito internacional, não devem ser consideradas atos terroristas” (Organização da Unidade Africana, 1999, p. 4). Assim sendo, a definição de terrorismo da OUA (1999) é relevante por distinguir a luta de libertação do terrorismo. Este é o conceito que esta pesquisa considera mais adequado

Essa definição se mostra adequada pelo fato de trazer uma perspectiva conceitual de separar o terrorismo de outros tipos legítimos de luta, o que se denota como uma ruptura epistemológica com as epistemologias de dominação ocidentais (González, 2023). Outrossim,

ajudar-nos-á a compreender o terrorismo na África, principalmente, no contexto de Cabo Delgado, Moçambique.

5.2 TERRORISMO RELIGIOSO

No cenário das relações internacionais, o terrorismo é entendido como ameaça à segurança internacional. Nessas literaturas, aborda-se o que se denomina como fundamentalismo religioso, que segundo a ABIN (2007) seria um “Movimento que mantém a estrita observância aos princípios fundamentais de uma determinada fé” (Agência Brasileira de Inteligência, 2007, p. 18). Fundamentalistas muitas vezes buscam maior proximidade com o cânone da sua fé, entretanto, ele não é exclusivo de nenhuma religião em específico. Pois, “O fundamentalismo religioso pode englobar cristãos, judeus, muçulmanos, hindus” (Agência Brasileira de Inteligência, 2007, p. 18). Terrorismo religioso, por sua vez, “é um tipo de violência religiosa em que o terrorismo é usado como uma tática para atingir objetivos religiosos ou que são influenciados pela identidade religiosa. Terroristas religiosos e extremistas violentos compartilham a decisão de interpretar a religião para justificar a violência, sejam eles budistas, cristãos, hindus, judeus, muçulmanos ou sikhs” (Wikipédia, 2022).

Apesar dessa constatação, quase sempre os escritos acadêmicos ou relatórios oficiais de organizações internacionais tendem a enfatizar a religião islâmica. Porém, o que se deve saber é que, como em outras religiões, no islã também há diferenças, como entre sunitas e xiitas. Ao mesmo colocam muçulmanos e árabes como iguais, sem olhar as diferenças de que um muçulmano é aquele que professa o islão, e que nem todo/a árabe (que é uma identidade étnica) é muçulmano/a. Daí que, se compreende que há necessidade de desconstruir a relação ou noção entre islão e terrorismo. Em relação ao surgimento do fenômeno, Ramos (2012) aborda que “No final da década de 1970, a Revolução Iraniana marcou o ‘surgimento’ do terrorismo religioso. Desde então, organizações como o Hezbollah, o Hamas e a Jihad Islâmica Palestina têm alcançado notável projeção e obtido resultados significativos, recorrendo a ações de martírio em larga escala” (Ramos, 2012, 47). A visão de Ramos (2012) contrasta com aqueles que apontam a ligação entre terrorismo e religião não ser algo novo. Como elucidada Laqueur (1999):

O atual ressurgimento do terrorismo religioso é largamente identificado com tendências no mundo muçulmano e árabe, para grande desgosto dos defensores do Islão e dos islamistas no Ocidente e no Oriente. Segundo eles, o ressurgimento da

religião fundamentalista é um fenômeno mundial, o que é verdade, e a maioria dos crentes do Islão fundamentalista não são terroristas. Além disso, o Ocidente precisava da imagem de um inimigo após o fim da Guerra Fria, e o Islão, por uma série de razões, veio preencher esse papel (Laqueur, 1999, p. 127-128, tradução nossa)¹¹.

Por outra, “[...] isto não deve ser uma surpresa, porque a religião sempre foi uma das principais características do terrorismo” (Laqueur, 1999, p. 127). O esclarecimento de Laqueur (1999), já nos dá a entender o jogo geopolítico perverso na arena internacional e da pretensão de rotular os Estados que não coadunam com a geopolítica do norte global, a ocidentalização e de fé diferente como inimigo e afetando a imagem desses perseguidos pela a hegemonia ocidental, principalmente, os EUA. Essa postura se encontra também em países como a China, Rússia etc.

E, muitos dos que professam o Islão fundamentalista não são terroristas, como salientou Laqueur (1999). Outra vertente que se relaciona ao terrorismo e à religião islâmica, é a confusão que existe na noção de جهاد - jihad (que seria gastar no caminho de Allah – Deus) e a جهاد jihad (sob sentido de luta armada) que visa retirar a ocidentalização que recebera, e ao mesmo tempo a ideia de associar como sinônimos islamismo e islão “O jihadismo contemporâneo emergiu a partir de movimentos e ideologias que os acadêmicos chamam de ‘islamismo’. O islamismo não significa o Islã enquanto religião e fé. O islamismo se refere às tentativas de articular o Islã a uma ordem política em resposta à hegemonia ocidental” (Bonate, 2022, p. 553). Dessa forma, percebemos que:

há uma propensão a usar o terrorismo como sinônimo de quase todas as formas de violência no mundo e a degradar o terrorismo a uma atividade criminosa banal ou superestimar seu nível de integração com o crime organizado. Ao mesmo tempo, há uma tendência marcante de equiparar o islamismo ou o radicalismo islâmico ao terrorismo” (González, 2023, p 39).

Nesta senda, em “As Falácias do Conceito de ‘Terrorismo Religioso’” Reginaldo Mattar Nasser (2014) faz várias críticas ao conceito. Entre as críticas destacadas estão:

a) *utilização seletiva do termo*: Nasser argumenta que o termo “terrorismo religioso” é frequentemente usado de forma seletiva, aplicado principalmente a atos de violência cometidos por grupos muçulmanos, enquanto atos semelhantes realizados por grupos de outras religiões são ignorados ou rotulados de forma diferente;

¹¹ “The current resurgence of religious terrorism is largely identified with trends in the Muslim and the Arab world, much to the chagrin of the defenders of Islam and Islamists in the West and East. According to them, the revival of fundamentalist religion is a worldwide phenomenon, which is quite true, and most believers in fundamentalist Islam are not terrorists, which is also true. Furthermore, the West needed the image of an enemy after the end of the Cold War, and Islam, for a variety of reasons, has come to fill that role”.

b) *generalização e estigmatização*: O autor diz que o uso do termo “terrorismo religioso” pode levar à generalização e estigmatização de toda uma religião ou comunidade com base nas ações de indivíduos extremistas. Isso pode levar à discriminação e ao preconceito contra pessoas inocentes que compartilham a mesma fé;

c) *viés político*: Nasser alega que o conceito de “terrorismo religioso” é frequentemente usado para fins políticos, com o objetivo de alimentar conflitos e justificar intervenções militares em determinadas regiões;

d) *simplificação da complexidade*: O autor tece que rotular atos de violência como “terrorismo religioso” ignora as múltiplas causas e motivações por trás dessas ações. Ele defende que é necessário analisar os fatores políticos, sociais e econômicos que contribuem para o surgimento do extremismo violento.

e) *uso abusivo da religião*: Nasser critica a instrumentalização da religião por parte de grupos extremistas para justificar atos de violência. Ele afirma que esses grupos muitas vezes distorcem os ensinamentos religiosos para atender a suas próprias agendas políticas e ideológicas. Em resumo, Nasser (2014), argumenta que o conceito de terrorismo religioso é problemático e pode levar a equívocos e injustiças, ele defende a importância de uma análise mais aprofundada dos fatores subjacentes à violência e de evitar generalizações e estereótipos religiosos.

Segundo Habibe *et al.*, em relação ao fenômeno em Cabo Delgado, tecem que no começo da violência armada, os membros do grupo eram majoritariamente jovens locais, ou seja, de Mocímboa da Praia. A liderança do grupo teria ligações com alguns grupos religiosos e militares fundamentalistas islâmicos do Quênia, Tanzânia, Somália e região dos Grandes Lagos (Habibe *et al.*, 2019). Habibe *et al.* destacam o grupo de Cabo Delgado como aquele que propaga a جهاد jihad, no entanto, é imperioso se entender que o terrorismo tem várias motivações desde ideológica, social e religiosa. Não só:

o termo jihad tem sido controverso porque há diferentes maneiras de interpretá-lo. Por exemplo, existe o termo “grande jihad” (jihad al-Akbar) que é usado para se referir à luta individual dos muçulmanos para fazer o que é certo de acordo com o Islã: a jihad do coração e a luta contra seus próprios instintos e tentações. Há também a “jihad da língua” (jihad al-lissan ou da’awah): falar em nome do bem e evitar o mal. Outro significado é a “jihad espiritual” ou intelectual (jihad al-kabir): expandir o conhecimento da revelação divina por meio de Alá e seus profetas. (González, 2023, p. 49).

Desse modo, fato polêmico é o de relacionar a جهاد jihad ao terrorismo. Esse termo tem o significado de “lutar vigorosamente ou fazer um esforço individual”, e mais, se refere “à luta

no caminho de Allah” que é quase sempre usado como sinônimo de guerra santa (González, 2023). O que se pode perceber, o 11 de setembro, e o que veio posterior como a literatura teórica, interesses e interpretações equivocadas e maléficas que conectam o islão e o terrorismo têm aumentado. Foi este todo tempo uma divulgação de islamofobia sob manipulação do ocidente em campos geopolítico e geoestratégico (González, 2023). Portanto, entende-se que é necessário romper com a visão conceitual que liga o terrorismo e a religião, assim como, com outros combates legítimos, visando um paradigma de epistemologia face as concepções do ocidente, que dominam as relações internacionais e a geopolítica mundial.

Em resumo, entendo que o conceito de terrorismo religioso confunde algumas ações. E com base nas reflexões de Nasser (2014), noto que este fenômeno está associado a leituras extremadas da religião, sobretudo a islâmica, e não quer dizer que todos extremistas sejam religiosos. Além disso, não se pode olhar sob o prisma do islã. Pois, não é uma experiência apenas marcada no contexto islâmico, mas apesar de que no continente africano os principais grupos se relacionam com visões autoritárias do islã. No contexto de Cabo Delgado, por enquanto este trabalho não observa como terrorismo religioso chamando atenção as ideias de Nasser (2014). Pois pode ter um viés político, múltiplas causas e motivações que podem estar ligadas por trás dessas ações. Entretanto, no trabalho futuro, sem dúvidas, o debate tratará de esclarecer se é ou não terrorismo religioso. Terminando, o terrorismo religioso é velado a certos objetivos e interesses de entidades – pessoas, organizações e Estados-nação etc.

5.3 HISTÓRIA DO TERRORISMO

Face às diferentes definições do terrorismo, faz-se necessário traçar sua trajetória histórica. Os ataques de 11 de setembro de 2001, marcam um novo histórico desta temática no século atual e reconfiguraram novos atos globalmente, e ainda, mostraram que nem todo Estado é seguro a ponto de não sofrer pressão ou ataques (Woloszyn, 2010; Brinco, 2020).

O momento atual é marcado pelo fim da Guerra Fria em 1989. Vale ressaltar de que a história tem relatos de atividades terroristas desde o início da humanidade, porém, o terrorismo tem características típicas de um momento recente. Por enquanto deixamos de observar a trajetória deste fenômeno desde tempos longínquos pela razão de que as pesquisas são excessivamente focadas na realidade europeia ou ocidental, e se estudou pouco a história do terrorismo no continente africano (Augusto, 2018; Nkwi, 2015).

Segundo Rapoport (2004 *apud* Woloszyn 2010, p. 20), o terrorismo na sua historicidade pode ser observado ou dividido em quatro fases ou ondas, dos quais:

A primeira onda surgiu com o anarquismo e se desenvolveu de 1879 a 1920; a segunda, de 1922 a 1960 com o período anticolonial, durante o qual grupos lutavam objetivando a independência de antigas colônias (Argélia, Chipre, Irlanda e Israel). A terceira onda, em 1960, com a Guerra Fria em pleno crescimento e o surgimento dos grupos de esquerda, como o ETA, Briga das Vermelhas, IRA e Baader-Meinhof. O ano de 1979 marca o início da quarta onda, de caráter religioso, caracterizada por extremismos (Rapoport, 2004 *apud* Woloszyn, 2010, p. 20).

No entanto, é preciso saber que há diferentes abordagens acerca da evolução do fenômeno. É imperioso trazer a história recente do conceito nas Relações Internacionais, que se configura com os atentados de 2001. Não restam dúvidas de que o terrorismo denominado pós-moderno ou global–transnacional se difere com o de antes (Vesentini, 2021).

O terrorismo global trouxe desordem e um maior caos globalmente no que toca à segurança interna e internacional, ao mesmo tempo levou com que diferentes atores no cenário internacional tomassem severas medidas de defesa e segurança, houve “maior controle sobre as alfândegas, sobre transações financeiras internacionais incluindo cartões de créditos [...]” (Vesentini, 2021, p. 282). Não apenas, o terrorismo global passou a associar-se com o crime organizado (Ramos, 2012). Tendo com isso se tornado um problema sério, grande e permanente deste século, o que veio a ser uma das grandes áreas de estudo das Relações Internacionais. Pois, mesmo com muitas medidas tomadas ao combate do terrorismo, os principais veículos do terrorismo atual dificultam o seu combate, uma vez que “são as seitas ou organizações fundamentalistas, apocalípticas e tradicionalistas” (Vesentini, 2021, p. 280).

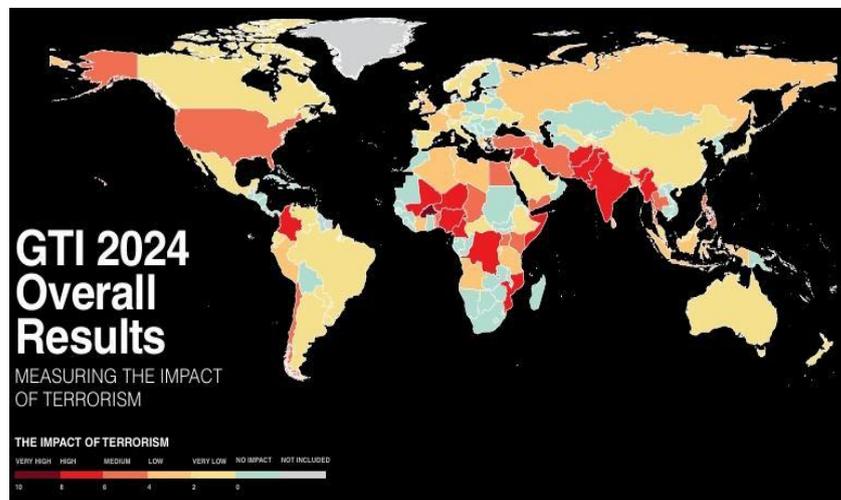
Assim, os atentados de 2001, nos EUA, transformaram fortemente a forma de se ver e tratar o terrorismo. O que levou à decisão do Conselho de Segurança da ONU de fazer um chamado para a colaboração em informações em relação à tomada de medidas antiterroristas. Este fenômeno passou a ser caracterizado por descentralizar as suas operações ou atividades, com isso, surgiram muitos grupos terroristas em vários continentes e desde 2001 muitos ataques têm acontecido sob reivindicação de muitos grupos mundialmente conhecidos, e na mesma intensidade têm sido criadas muitas teorias.

Dados da Global Terrorism Index¹² (2022) apontam que, de 163 países analisados, em dois terços (105) não houve ataques ou mortes por terror em 2020 e 2021. Esse seria um dos menores números desde 2007. E, as atividades terroristas têm estado concentradas no Sul da

¹² Por conseguinte, a GTI define o terrorismo como “a ameaça sistemática ou uso sistemático da violência, por atores não estatais, a favor ou em oposição à autoridade estabelecida, com a intenção de comunicar uma mensagem política, religiosa ou ideológica a um grupo mais alargado do que o grupo vítima, gerando medo e medo, alterando (ou tentando alterar) o comportamento do grupo maior” (GTI, 2023, p. 6, tradução nossa). No original “the systematic threat or use of violence, by non-state actors, whether for or in opposition to established authority, with the intention of communicating a political, religious or ideological message to a group larger than the victim group, by generating fear and so altering (or attempting to alter) the behaviour of the larger group”.

Ásia, na África Subsaariana, regiões que têm registrado mais mortes do que o Oriente Médio e Norte da África nos últimos três anos. Segundo relatório da GTI (2022), o Sahel tem-se tornado cada vez mais violento nos últimos 15 anos, com número de mortes aumentando em 1000% de 2007 a 2021. E a violência que tem aumentado não mostra sinais de diminuir. As atividades terroristas têm ocorrido em zonas fronteiriças, em que as atividades do governo são poucas. O mapa a seguir mostra o impacto do terrorismo em cada país. A medição é feita em cores da seguinte maneira: os países marcados de vermelho-escuro são classificados como (muito alto), vermelho (alto), laranja (médio), ouro (baixo), amarelo (muito baixo), turquesa (sem impacto ou não incluído).

Mapa 3 - Resultados globais de impacto do terrorismo.



Fonte: Global Terrorism Index (2024, p. 4).

Os dados da GTI (2022) descrevem os dez países mais afetados pelo terrorismo de 2011 a 2012, que foram: Afeganistão, Iraque, Somália, Burkina Faso, Síria, Nigéria, Mali, Níger e Paquistão (Global Terrorism Index, 2022). No entanto, os dados de GTI (2024) apontam que atualmente os cinco países mais afetados são: Burkina Faso, Israel, Mali, Paquistão e Síria, e menos afetados são: Trinidad e Tobago, Turquemenistão, Vietnã, Zâmbia e Zimbabué. Burkina Faso se tornou, pela primeira vez o país com mais impacto do terrorismo.

Em termos de mortes pelo terrorismo, Israel registrou o maior aumento de mortes, o ataque do grupo Hamas em Israel foi descrito como o maior ataque terrorista desde o começo das análises do GTI, e está figurado como um dos maiores ataques terroristas da história¹³. Na questão de grupos ativos no mundo, o EI (Estado Islâmico) na Síria é o grupo mais ativo na

¹³ No entanto, essa análise do GTI, é contestável na medida em que não demonstra um olhar holístico da situação toda do conflito, e de ambas partes beligerantes no conflito Israel x Palestina.

última década e teve aumento de 4% dos ataques. Por outro lado, houve maiores quedas no terror desde o ano de 2007 no Iraque, Afeganistão e Nigéria. Em 2023, 98% das mortes por fenômeno terrorismo se deram nos países com algum grau de conflito. No ocidente o relatório descreve que, os incidentes de atos terroristas tiveram queda para um grau menor 55% quando comparado a 2022 e desde 2007, em 2023 foram registrados 23 ataques e 21 mortes.

5.4 TERRORISMO NA ÁFRICA

No continente africano, as atividades terroristas não são de hoje, já se fazem presente há muito tempo, desde o tempo do comércio árabe-islâmico, tráfico negreiro, período colonial e contemporâneo (Nkwi, 2015; Augusto, 2018). Ainda assim, o terrorismo contemporâneo na África aumentou entre os anos 2015 e 2023 (Global Terrorism Index, 2024). E, atualmente em quase todas as regiões do continente há a presença de terrorismo organizado e de fundamentalismo religioso. Dos diversos grupos que atuam a maioria intenciona retirar a influência ocidental, por exemplo, na África Ocidental:

são muitos e possuem um grande objetivo central. Estes incluem: Boko Haram, que opera principalmente na parte Norte da Nigéria e de Camarões, no Níger, Chade e na ponta Norte da República Centro Africana; AQIM, que age no Norte do Mali e na Mauritânia; o Movimento para Unidade e Jihad na África Ocidental (MUJAO) e o Janjawee no Sudão do Sul. (Nkwi, 2015, p. 86).

Na era contemporânea, o terrorismo teve sua grande repercussão nos ataques de 2001, sendo colocado na agenda internacional dos Estados e diversas organizações internacionais. E é ao mesmo tempo em que no continente africano começa a se observar a emergência do mesmo com grupos como Al-Shabaab, AQUIM e Boko Haram, apesar de já existirem alguns grupos antes na região dos Grandes Lagos, dentre os quais:

Forças Democráticas Aliadas é um movimento terrorista islâmico que surgiu a partir dos anos 90, no Uganda, fundado por Jamil Mukulu. Al-Shabaab é proveniente da língua árabe, que traduzindo em Português significa “A Juventude”. O grupo Exército de Resistência do Senhor, nome cuja sigla é derivada do Inglês (LRA Lord’s Resistency Army), é uma organização terrorista que tem a sua origem no Uganda, na década dos anos 80 do século XX, cujo fundador é Joseph Kony (Brinco, 2020, p. 35, 38-41).

Portanto, desde 1998 em Dar-es-Salam, Tanzânia, um ataque matou 200 pessoas. É daí que se deu atenção internacional e no ano seguinte a OUA (1999) condenou e definiu o terrorismo na sua Convenção do artigo 1º e 3º. Abordando o fenômeno no continente africano,

Sitoe (2014) fala que há um certo reducionismo, onde cita Bolaji (2010), tecendo que Bolaji reduz a existência do fenômeno no continente como sendo algo que começa em 1993 com a morte de 18 soldados norte-americanos em Mogadíscio, Somália, num ataque que se fez contra a missão de paz da ONU na Somália (UNISOM). Sitoe diz que se verifica em alguns autores de que o terrorismo no continente remonta aos anos 1400 com a invasão dos europeus e na doutrinação da população africana por esses colonizadores.

Na África, tanto Ocidental, Grandes Lagos e Oriental, são partes com severos problemas de cunho político, econômico, étnico, social e religioso, crime organizado e tráfico etc. (Brinco, 2020; Nkwi, 2015). E Cabo Delgado sofre com quase todos os problemas elencados. Por exemplo, ao se referir do fenômeno na África Ocidental, Nkwi (2015) ressalta que em 2006 era questionável se ele era mito ou real. Como realça Sitoe (2014), no continente os grupos terroristas que desencadearam neste século inegavelmente são uma grande ameaça à estabilidade política e à segurança dos Estados, o que se pode notar com aumento das ações nas atividades terroristas de Boko Haram e Al-Shabaab (Sitoe, 2014).

Pode-se observar na história do terrorismo contemporâneo na África que três grupos se destacam, nomeadamente: AQIM, Al-Shabaab e Boko Hara. O AQIM – Al – Qaeda no Magreb Islâmico, remonta à guerra civil 1991-2002 na Argélia, e em 2007, se virou para a zona norte do Mali. Suas atividades são: tráficos de drogas e armas, raptos etc. (Galito, 2022). O Al-Shabaab que significa em árabe (juventude) ou Harakat al-Shabaab al-Mujahideen (Movimento do Jovem Guerreiro) nasce num contexto de guerra civil na Somália, em 1991, mas é anterior a essa data, pois, começa na década 70 do século passado, quando um grupo denominado Al-Salafiya al-Jadid foi colocado para se opor ao regime do autoritário General Mohamed Siad Barre (Sitoe, 2014). O Al-Shabaab conhecido hoje surge em 2003-2004 como radical vigora de 2006 a 2009, pela justificação da invasão da Etiópia na Somália (Sitoe, 2014; Galito, 2022).

Embora o extremismo islâmico na África Oriental seja muito associado à Somália e em atividades terroristas do Al-Shabaab, na verdade, se observa em toda região seguidores de versões radicais do Islão, algo que fez aumentar a tensão na região oriental, sobretudo nos últimos tempos, entre as comunidades muçulmanas e na sociedade no geral (Ali-Koor, 2016).

O Boko Haram (em árabe significa “a educação não islâmica ou ocidental é pecado”) (Galito, 2022; Sitoe, 2014) remonta ao ano de 2003, no estado de Borno, norte da Nigéria, liderado por Mohammed Yusuf. No entanto, o terrorismo na Nigéria deve ser olhado a partir da pobreza extrema, alta corrupção, política elitista, cultura e radicalismo provocado por diferenças etnorreligiosas (Sitoe, 2014). É um movimento de combatentes religiosos que pretendem a divulgação e implementação da *sharia* (lei islâmica). Dos 36 estados da Nigéria,

em 12 já foi oficializada a lei islâmica (Galito, 2022). E estes três grupos citados tem uma relação ou influência (Siteo, 2014).

Ademais, o Boko Haram tem sido financiado através de assaltos e roubos aos bancos, sequestros e apoio dado pela AQIM (Siteo, 2014). Um caso recente deste fenômeno se evidencia, desde 2017, em Cabo Delgado, no nordeste moçambicano, onde há problemas de insurgência, de segurança colocado em risco pelo grupo Ansar al-Sunna (Al-Shabaab ou EIM – Estado Islâmico de Moçambique). Observado sob a perspectiva de alguns autores que o conflito violento de Cabo Delgado é contra o Estado e modo de vida que se tem levado de sub-representação, falta de oportunidades etc., principalmente dos muçulmanos, que são maioria pobre (Galito, 2022). A maioria dos grupos terroristas em África foi desencadeada através de sérios problemas políticos, instabilidades econômicas e sociais, corrupção, fronteiras porosas e a forte influência dos países do Golfo. E pelo fato de muitos Estados serem “Estados Falhado” (Galito, 2013; Fernandez, 2022).

De acordo com acadêmicos como Hansen (2013), Horgan e Braddock (2010), Pham (2012), Nkwi (2015), Brinco (2020), Siteo (2014), as principais características do terrorismo em África são:

- i) ideologia extremista: Os grupos terroristas em África, como o Boko Haram e o Al-Shabaab, muitas vezes têm uma ideologia extremista baseada em interpretações distorcidas do Islã ou em objetivos políticos radicais;
- ii) objetivos regionais e internacionais: Muitos grupos terroristas africanos têm como objetivo alcançar mudanças políticas em nível regional ou internacional, como a formação de um Estado islâmico ou a expulsão de forças estrangeiras de seus territórios;
- iii) recrutamento e mobilização: Os grupos terroristas em África utilizam métodos de recrutamento e mobilização eficazes, como propaganda online, recrutamento de jovens desempregados e marginalizados e cooptação de grupos étnicos ou religiosos marginalizados;
- iv) financiamento: Os grupos terroristas africanos exploram várias fontes de financiamento, incluindo extorsão, sequestro de estrangeiros, tráfico de drogas e armas, além de doações de simpatizantes;
- v) motivações políticas e ideológicas: O terrorismo em África muitas vezes está ligado a questões políticas e ideológicas, como separatismo, nacionalismo, extremismo religioso e insurgências armadas;

- vi) vinculação com conflitos regionais: Muitos grupos terroristas em África estão envolvidos em conflitos regionais, como a insurgência do Boko Haram na Nigéria e nos países vizinhos, ou a atividade da Al-Shabaab na Somália e no Quênia;
- vii) fragilidade estatal: A falta de governança eficaz, corrupção, pobreza e desigualdade são fatores que contribuem para o surgimento e o crescimento do terrorismo em África;
- viii) recrutamento de jovens e marginalizados: Os grupos terroristas em África muitas vezes focam em recrutar jovens desempregados, sem perspectivas e marginalizados da sociedade. Esses jovens podem ser facilmente influenciados e atraídos para a causa do terrorismo;
- ix) Exploração de áreas remotas e fracamente governadas: Muitos grupos terroristas em África operam em áreas remotas e mal governadas, onde a presença do Estado é fraca. Essas áreas oferecem refúgio e segurança para os terroristas, permitindo-lhes planejar e executar suas operações;
- x) Conflitos étnicos e religiosos: Alguns grupos terroristas em África surgem devido a tensões étnicas ou religiosas entre diferentes grupos. Eles podem usar o terrorismo como uma ferramenta para promover seus interesses e reivindicações.

Enfim, apesar destas serem algumas das características identificadas pelos acadêmicos em relação ao terrorismo em África, presumo que ainda existem outras particularidades em relação a este fenômeno no continente.

6 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho e sua busca de dados, sua abordagem metodológica será baseada em análise qualitativa, porque, “o pesquisador qualitativo estuda coisas em seu ambiente natural, tentando dar sentido ou interpretar os fenômenos, segundo o significado que as pessoas lhe atribuem” (Denzin; Lincoln, 1994, p. 2). Assim, a metodologia qualitativa nos trará mais compreensão e nos fará ir afundo com os objetivos deste projeto. Esse método irá nos fazer olhar e estudar as coisas no seu modo essencial com as pesquisas que far-se-ão durante a produção e busca de dados pertinentes.

A pesquisa será feita através de revisão bibliográfica e análise de documentos, que, “é feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos” (Lakatos; Marconi, 2017, p. 33). Essas técnicas serão usadas para obtenção de fontes de documentos já disponíveis como artigos científicos e acadêmicos, livros, documentos oficiais do governo (legislação e relatórios); relatórios de ONGs, de organizações internacionais (como Global Terrorism Index ‘GTI’, do Institute for Economics & Peace; documentos oficiais regionais da SADC, UA, Observatório de Conflitos Cabo ligado, monitorado por ACLED, Zitamar News, and MediaFax). Os documentos serão consultados nas plataformas como Google Acadêmico, SciELO, Portal Capes, nos cadernos de IESE- Instituto de Estudos Sociais e Econômicos de Moçambique etc.

Outra técnica que será utilizada é a entrevista semiestruturada. Como abordam Lakatos e Marconi (2007), a entrevista é um instrumento base para coletar dados e, é, “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação” (Gil, 2016, p. 109). Sendo assim, se pretende entrevistar 5 pessoas que se encontram na província de Cabo Delgado. Essas pessoas se mostram fontes importantes porque alguns vivenciaram o terror no território em conflito e se encontram em campos de refugiados e outros são acadêmicos que pesquisam o assunto. As entrevistas serão feitas de modo presencial (3) e online (2). Além disso, a metodologia de entrevista será semiestruturada, que “tipicamente refere-se às entrevistadas abertas, em que as perguntas são previamente estabelecidas, mas não são oferecidas alternativas de resposta. Os entrevistadores podem respondê-las livremente [...] esta modalidade de entrevista tem como principal vantagem sua adequação às características do entrevistado [...]” (Gil, 2021, p. 128). Enfim, além de ter uma estrutura mínima nesse tipo de entrevista as perguntas podem mudar no momento da entrevista, e existe liberdade em fazer as perguntas como desejar acerca do assunto em causa, outrossim, o entrevistado também tem liberdade em responder de forma livre sua opinião e sentimentos em relação a situação.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Yussuf. Texto sobre a situação em Cabo Delgado. Maputo, 12 de abril. 2020. Facebook: **Lutar por Cabo Delgado**. Disponível em: https://www.facebook.com/LutarCaboDelgado/posts/140115927554338?_tn=K-R. Acesso em: 19 abr. 2024.
- AGÊNCIA BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA. Uma cartilha para melhor entender o terrorismo internacional: conceitos e definições. **Revista Brasileira de Inteligência**, Brasília: Abin, v. 3, n. 4, set. 2007.
- ALI-KOOR, Abdisaid Musse. **Extremismo Islâmico na África Oriental**. Centro de Estudos Estratégicos de África, nº 32, 2016.
- AUGUSTO, Carlos. **A origem do terror no cinturão de Mocímboa da Praia “um fenômeno com raízes do tempo de penetração mercantil que recrudescer hoje”**. 2018.
- BEULA, Emídio. A face oculta da guerra em Cabo Delgado. **CDD Guardiã da democracia, política moçambicana, Ano 02, n.º 34**, 2020.
- BEULA, Emídio. Aparente silêncio das armas esconde o drama humanitário que se vive em Cabo Delgado. **CDD Guardiã da democracia, política moçambicana, Ano 02, n.º 34**, 2020.
- BONATE, Liazzat J. K. O Jihadismo transnacional e a insurgência em Cabo Delgado, Moçambique. **Afro-Ásia**, n. 65, pp. 519-553, 2022.
- BRINCO, Reginaldo Ngola dos Santos. **O terrorismo religioso na região dos Grandes Lagos Africanos**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Relações Internacionais (2º ciclo de estudos ou mestrado integrado), julho de 2020. UBI. Covilhã.
- CARDOSO, Fernando Jorge. A natureza da Guerra em Cabo Delgado. 1.18 **Conjuntura Internacional**. JANUS, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/5531/3/Janus%202022%201.18%20Fernando%20Jorge%20Cardoso.pdf>>. Acesso em: 19 de abr. 2024.
- CHICHANGO, Davide Benjamim., SIMÃO, Ermelinda José., NHANOMBE, Ilda Tina Francisco., CONJO, Manuel Pastor Francisco. A caracterização e sustentabilidade dos recursos naturais da província de Cabo Delgado. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.8.n.08. ago. 2022. doi.org/10.51891/rease.v8i8.6558
- CHICHAVA, Sérgio. JORGINHO: Breve história de um jovem makonde muçulmano do Al Shabaab. **IESE, IDeIAS, Boletim Nº 151P**, Maputo, 2023.
- CHICHAVA, Sérgio. Muamudo Saha e a guerra “santa” contra os “porcos”: a fase inicial da insurgência em Cabo Delgado. **IESE, IDeIAS, Boletim Nº 152P**, Maputo, 2023.

CHICHAVA, Sérgio. Ugandenses e Tanzanianos do Al-Shabaab: um olhar à dimensão internacional do conflito em Cabo Delgado. **Desafios para Moçambique**, 2020.

CONCEIÇÃO, Francisco Da. **Implicações políticas da cooperação internacional para o desenvolvimento em Moçambique**: da solidariedade socialista à trajetória tradicional do Norte e à experiência emergente do Sul (1975-2013). Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orientador: Prof. Dr. Carlos Sanchez Roberto Milani. Rio de Janeiro, 2015.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London, Sage Publication, 1994.

DEUTSCHE WELLE. **Autoridades “limpam” Cabo Delgado da mineração ilegal**. Maputo, [2017]. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/autoridades-mo%C3%A7ambicanas-limpam-cabo-delgado-da-minera%C3%A7%C3%A3o-ilegal/a-38346246>. Acesso em: 19 abr. 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Bacia do Rovuma**. Maputo, [2024]. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/bacia-do-rovuma/t-52925145>. Acesso em: 19 abr. 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Cabo Delgado palco da maldição de recursos naturais**. Maputo, [2021]. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/cabo-delgado-palco-da-maldi%C3%A7%C3%A3o-dos-recursos-naturais/a-58278023>. Acesso em: 19 abr. 2024.

DEUTSCHE WELLE. **Líder terrorista Ibn Omar “fora de combate”, anunciam FADM**. Pemba, [2023]. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/cabo-delgado-1%C3%ADder-terrorista-ibin-omar-fora-de-combate-anunciam-fadm/video-66635164>. Acesso em: 19 abr. 2024.

ELIAS, Juma Achá., MANANA, Abudo Cafuro., BANZE, Catija Saria Paulo., OLIVEIRA, Maria Rita Marques de., SANTOS, Mariana de Souza Leite Garcia., LAGO-VANZELA, Ellen Silva. O drama humanitário dos deslocados em Moçambique face a segurança alimentar e nutricional por consequência dos conflitos armados na província de Cabo Delgado. **Rev. Simbio-Logias**, V. 15, Nr. 23. 2023.

FBI. Federal Bureau of Investigation. **Terrorism definitions**. 2023. Disponível em: <https://www.fbi.gov/investigate/terrorism>. Acesso em: 19 mar. 2024.

FERNANDEZ, Helena da Costa. **O terrorismo na África Subsaariana**: movimentos jihadistas e a herança da Al-Qaeda. 2022. Orientador: Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli. Monografia de Iniciação Científica apresentado ao Centro Universitário do Sagrado Coração. Bauru - SP.

GALITO, Maria Sousa Galito. Terrorismo internacional. **CEsA**, 2022.

GALITO, Maria Sousa. Terrorismo conceptualização do fenómeno. **CEsA. WP 117**, 2013.

GALITO, Maria Sousa. Terrorismo na região do Sahel. **CEsA. WP 118**, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. – 7. Reimpr. –São Paulo: Atlas, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. – 3. Reimpr. –São Paulo: Atlas, 2021.

GLOBAL TERRORISM INDEX. **Measuring the impact of terrorism - briefing**. Institute for Economics & Peace, 2024. Disponível em: <https://www.economicsandpeace.org/global-terrorism-index/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

GLOBAL TERRORISM INDEX. **Measuring the impact of terrorism**. Institute for Economics & Peace, 2022. Disponível em: <https://www.economicsandpeace.org/global-terrorism-index/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

GONZÁLEZ, Yoslán Silverio. 2025: Uma projeção do terrorismo na África. Editora MEMO, 2022.

GONZÁLEZ, Yoslán Silverio. Terrorismo contemporâneo: uma perspectiva teórica. **Revista Brasileira de Estudos Africanos** | Porto Alegre | v. 8, n. 15, jan./jun. 2023.

HABIBE, Saide., FORQUILHA, Salvador., PERREIRA, João. Radicalização Islâmica no Norte de Moçambique O Caso de Mocímboa da Praia. **Cadernos IESE** nº17. 2019.

HANSEN, S. Al-Shabaab in Somalia: **The History and Ideology of a Militant Islamist Group, 2005-2012**. Oxford University Press, 2013.

HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. —Rev. and expanded ed. p. cm. New York: Colombia University Press., 2006.

HORGAN, J., & BRADDOCK, K. Rehabilitating the Terrorists? Challenges in Assessing the Effectiveness of De-radicalization Programs. **Terrorism and Political Violence**, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. IV Recenseamento geral da população e habitação. **CENSO 2017**. Maputo, 2019.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. – 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, Eva Maria., MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. – 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2007.

LAQUEUR, Walter. **The new terrorism: fanaticism and the arms of mass destruction**. New York Oxford University Press, 1999.

MAQUENZI, Jerry., FEIJÓ, João. Pobreza, desigualdade e conflitos no norte de Cabo Delgado. **Observador do Meio Rural**, Nº 76, 2019.

MOÇAMBIQUE - FUNDAÇÃO PONTIFÍCIA ACN. **Moçambique: liberdade religiosa no mundo relatório**. 2023. Disponível em: <https://www.acn.org.br/mocambique/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

MOÇAMBIQUE. **Lei nº 13/2022, de 8 de julho de 2022**. Rever a Lei n.º 5/2018, de 2 de agosto, que estabelece o Regime Jurídico Específico Aplicável à Prevenção, Repressão e Combate ao Terrorismo e Acções Conexas, aos atos e organizações terroristas, bem como às medidas restritivas aprovadas pelas Resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas, com vista a adequar aos desafios da conjuntura e à conformidade legal no plano nacional e internacional, ao abrigo do disposto no número 1, do artigo 178 da Constituição da República. Maputo: Assembleia da República, 2022.

MORIER-GENOUD, Eric. A Insurgência Jihadi em Moçambique. **Cadernos IESE nº 21**. 2021.

MOSCA, João. Conflito em Cabo Delgado: Complexidade e descoordenação nas respostas múltiplas. **OMR, DESTAQUE RURAL Nº 75**, 2019.

NASSER, Reginaldo Mattar. As falácias do conceito do “terrorismo religioso”. *In*: SOUZA, André de Mello e; NASSER, Reginaldo Mattar; MORAES, Rodrigo Fracalossi de (Orgs.). **Do 11 de setembro de 2001 à Guerra ao Terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI**. Brasília: Ipea, 2014.

NKWI, Walter Gam. Terrorismo na história da África Ocidental: uma avaliação do século XXI. Austral: **Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais** e-ISSN 2238-6912 | ISSN 2238-6262| v.4, n.8, jul./dez. 2015.

ORGANISATION OF AFRICAN UNITY. **Convention on the Prevention and Combating of Terrorism**, 1999. Disponível em: <<https://treaties.un.org/doc/db/Terrorism/OAU-english.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

PENHA, Pedro Alexandre. Terrorismo ou insurgência? Reflexão teórica sobre a natureza do conflito armado em Cabo Delgado. **HOPLOS** vol. 7 nº 12/2023.

PHAM, J. P. Terrorism in Africa: The Evolving Front in the War on Terror. **Journal of International Affairs**, 2012.

RAMOS, Roberto Carlos. **O fundamentalismo islâmico e o terrorismo: das origens aos desafios para o século XXI**. Mestrado em “Ciência Política, Governança e Relações Internacionais”, 2012. (Parceria IEP-UCP/UCM). Beira.

RODRIGUES, Donizete. Novos movimentos religiosos: realidade e perspectiva sociológica. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 12, volume 19(1): 17-42, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br>>. Acesso em: 19 de abr. 2024.

SCHMID, Alex P. Defining terrorism. International Centre for Counter-Terrorism – **ICCT report**, 2023.

SITOE, Rufino. **Movimentos Terroristas como Ameaça à Segurança e Estabilidade Política dos Estados**. Lisboa: Porto-Editora. 2014.

SITOE, Rufino. Terrorismo em Moçambique? Que soluções de políticas? Um olhar aos ataques de Mocimboa da Praia. **Revista Moçambicana de Estudos Internacionais – RMEI** ISSN: 2616-2105, Vol. 1, Nº 01, 2019.

SOUSA, Fernando de. **Dicionário de Relações Internacionais**. Edições Afrontamento/CEPESE, 2005.

TERRORISMO RELOGIOSO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2022]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Terrorismo_religioso. Acesso em: 20 mar. 2024.

VESENTINI, José William. **Terrorismo e nova ordem mundial**. Geopolítica & relações internacionais. Tradução. Curitiba: Juruá Editora, 2002. Acesso em: 19 mar. 2024.

WOLOSZYN, André Luís. **Terrorismo global: aspectos gerais e criminais**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.